

“Rubor que todo o Mundo agita”: Poesia Combativa e Experiência Social na Imprensa dos Trabalhadores de Fortaleza no Início dos Anos 1920

Gleudson Passos Cardoso*

Resumo

Na história da imprensa operária cearense, dois jornais se destacaram apresentando preocupações pedagógico-doutrinárias para os trabalhadores locais. A *Voz do Gráfico* (1921 - 1922) e *O Combate* (1921), respectivamente, órgão da Associação Gráfica do Ceará e da Federação dos Trabalhadores do Ceará, estamparam em suas páginas as idéias do “socialismo libertário” e outras iniciativas em nome do “associativismo combativo” e a defesa dos interesses dos trabalhadores, dentre outras ações. No manuseio desta documentação hemerográfica, foi percebido o uso recorrente da poesia como estratégia discursiva, com destaque para as produções de Pedro Augusto Mota, Eliézer Rocha e anônimos que se velaram com pseudônimos dos mais diversos (“tupã”, “vulcano” etc). Neste sentido, o presente estudo se propõe analisar a “cultura política” desta produção literária, a entender nas “dimensões sociais da estrutura da obra” as experiências destes agentes históricos engajados na militância operária cearense no início dos anos 1920.

Palavras Chaves:

Cultura e Poder – Imprensa Operária – História do Ceará

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História PPGH/UFF, Professor Assistente do Curso de História da UECE, pesquisador do GRPESQ-CNPq/ UFF “Intelectuais, Idéias e Instituições” e membro da Soc.: de Bel.: Let.: e Art.: Academia da Incerteza.

Abstract

In the periodical's history of the Ceará, two newspapers itself detach to show pedagogic and doctrinarian preoccupations for the place's workers. The *Voz do Grafico* (1921 - 1922) and *O Combate* (1921), respectively, Associação Gráfica do Ceará and of the Federação dos Trabalhadores do Ceará's newspapers, impressing in your pages the "libertarian socialism" ideas and others enterprises in the name from the "combative associativism" and the interest's workers, among an others actions. Handling from these newspaper's historic documents, was observed the use to over of the poesy how discursive strategy, with prominence for the productions of Pedro Augusto Mota, Eliézer Rocha and peoples anonymous but itself to keep secret with various pseudonyms ("tupã", "vulcano" etc). Thus, the actual study have intention of to analyse the "political culture" from this literary production, to understand in the "social dimensions literary work's structure" the experiences from that engaged historic agents in the cearense's worker militancy in the beginning 1920's years.

Key Words

Culture and Power – Worker's Newspapers – Ceará's History

Nos primeiros anos da década de 1920, a cidade de Fortaleza também vivenciou a crise do regime oligárquico que foi adotado às claras pelos políticos brasileiros desde 1898. De modo geral, os revezamentos entre grupos políticos, dissidências facciosas, destituições de cargos, fizeram parte do cotidiano político e administrativo da realidade cearense. A estes desencontros, também foram somados efeitos sociais causados pelas estiagens de 1915 e 1919, dentre eles, os saques, a mendicância, vadiagem e outros "desvios" de conduta. Não por menos, estes incidentes foram motivos para que as prisões, deportações, empastelamentos de jornais, perseguições políticas e outras formas de repressão do poder público, fossem configuradas na respectiva ocasião.

Naquele momento, alguns setores organizados da classe trabalhadora local se mobilizaram, no intuito de intervirem nas decisões públicas, apresentar suas demandas e rebater os usos do poder político local. A partir das chamadas na imprensa, paralisações, greves, passeatas, dentre outras formas de chamar a atenção da opinião pública a convencer os demais trabalhadores a participarem das campanhas reivindicatórias, foi possível perceber que a produção literária deixada por Pedro Augusto Mota, Eliézer Rocha e outros escritores nos jornais *Voz do Gráfico* (1921 - 1922) e *O Combate* (1921) levou em conta suas experiências sociais enquanto trabalhadores, apresentando um perfil da militância operária cearense no início da década de 1920.

No manuseio da documentação histórica, fontes literárias por excelência, foi possível perceber como estes autores se apropriaram dos significados (BAKHTIN, 1979: 27) em torno da inserção pública e participação dos trabalhadores nas decisões políticas. A entender a dimensão do papel destes sujeitos enquanto agentes sociais letrados, vislumbrou-se sua busca em consolidar um pensamento hegemônico entre diferentes grupos de trabalhadores (GRAMSCI, 1989 e WILLIAMS, 1979: 111 – 117), bem como, compreender a natureza dos seus diálogos e a presença destes nas redes de sociabilidades configuradas por diferentes núcleos operários locais e nacionais. A identificar as relações entre suas leituras, produção literária e as forças históricas e tensões sociais vivenciadas (GOLDMAN, s/d: 203 – 223 e FACINA, 2004), no respectivo período, “historizar a obra literária” (CHALLOUB, 1998: 07 – 14) foi fundamental para que seja percebida sua participação nos embates à época estudada. Assim, de acordo com Antônio Cândido (2000), para o presente estudo, a relevância histórica de um texto literário vem a considerar “o elemento social a partir da própria construção artística da obra”.

Na documentação disponível, a poesia destacou-se como estilo literário utilizado sob forma de prender a atenção do público leitor. Nos dois jornais operários mencionados, os referidos autores publicaram não somente os seus textos literários, mas também discursos e artigos político-filosóficos. Naquele momento, estes órgãos da classe trabalhadora local se destacaram apresentando preocupações pedagógicas e doutrinárias, difundindo as idéias e os cânones do “socialismo libertário”, com iniciativas em torno do associativismo combativo e a defesa dos interesses classistas, dentre outras ações.

Através dos veículos de imprensa destas entidades, os autores em evidência denunciaram o projeto hegemônico (classista, ideológico e eleitoreiro) do Círculo dos Operários Católicos São José, incitando diferentes segmentos de trabalhadores a participarem das lutas contra os clérigos (que já haviam cooptado outras entidades), apontando os desmandos de certos administradores públicos e da classe patronal, através das greves, paralisações e passeatas. Válido salientar que na capital cearense, desde a década de 1860, já circulavam inúmeros jornais lançando discursos e preocupações a vários segmentos de trabalhadores (PEREIRA, 2001. Op. Cit.), não podendo passar despercebida as iniciativas conciliadoras sob a influência de alguns maçons (PARENTE In: SOUSA, 1994: 347 - 358).

Naquele momento, a difusão dos cânones teórico-filosóficos das idéias libertárias e/ou socialistas era entendida como estratégia vital para a classe trabalhadora atingir seus objetivos, na leitura de certos militantes operários mais combativos. Sabe-se que a prática pedagógica envolvendo a “preocupação doutrinária” ecoou amplamente na década de 1920 pelo operariado nacional. Em Fortaleza, o jornal *Voz do Gráfico* (06/jan/1921, nº02) noticiou a abertura de uma “Escola Operária Secundária”, tratando da sua fundação e a abertura de matrículas. Chamadas como “À Escola, camaradas!” e “Aproximai-vos da luz!”, mostraram a ênfase que os redatores do jornal deram primando pela formação dos trabalhadores, não somente ao desenvolvimento intelectual, mas também na formação política, como se atesta no uso recorrente de léxicos particulares e termos identitários (“camaradas”) freqüentes nas páginas do referido órgão.

Em verdade, iniciativas como aquela levam a crer que estas entidades buscaram através destes aparelhos reproduzir posturas combativas, através da difusão das leituras que circulavam pelas rodas literárias de Fortaleza nos bancos e cafés da Praça do Ferreira, barbearias e botequins, freqüentados por jornalistas, estudantes, caixeiros, tipógrafos e outros segmentos letrados em sintonia com os textos de Górkí, Marx, Proudhon, Kropotkin, Bakurnin (AZEVEDO, 1992: 37 - 39 e GIRÃO, 1997). Para os redatores da *Voz do Gráfico* e d’*O Combate*, era preciso referendar um pensamento coeso que pudesse estabelecer vínculos, atingir anseios dos diferentes segmentos de trabalhadores cearenses (pedreiros, carroceiros, operários têxteis, gráficos etc) em torno de um ideal comum. No caso em destaque, a instituição

escolar carecia da orientação dos intelectuais “orgânicos”, operários letrados, leitores dos textos com conteúdos políticos e filosóficos direcionados aos interesses sociais da classe trabalhadora.

A saber, naquela realidade, os trabalhadores de Fortaleza eram em grande parte oriundos das migrações causadas pelos violentos ciclos de estiagem, formando parte considerável de um contingente desprovido da assistência pública (sobretudo educação, saúde, condições dignas de moradia etc). Concernente à instrução letrada, este segmento possuía pouco ou quase nenhum acesso à leitura, muito menos aos livros, debates e doutrinas político-filosóficas libertárias ou socialistas em voga no período. Boa parte destes trabalhadores era iletrada ou então possuía pouquíssimo domínio da atividade com as letras. Daí se explica a necessidade daqueles poucos que detiveram maior acesso aos textos se empenharem por instrumentalizar a classe no campo da leitura, com discussões e debates, “organizando” o setor junto às suas demandas e reivindicações e levar a compreensão dos textos libertários e/ou socialistas.

Eliézer Rocha, no soneto “Camaradas!”, dedicado “ao camarada F. Falcão”, publicado no jornal *Voz do Gráfico*, nº 06, em 06/mar/1921, destacou a importância das idéias relativas ao “amor pela classe oprimida”, em que a “Escola e as Leis Universais” (teorias libertárias e socialistas envernizadas por concepções evolucionistas) envolveriam o mundo na solidariedade rumo à emancipação dos trabalhadores.

Esta inquietude com a formação também se fez presente nos textos literários, ao comportarem sentidos pedagógicos e conteúdos explicativos sobre as concepções e temas inerentes à condição social dos trabalhadores. Como resultado da prática pedagógica, era prioridade a compreensão orientada pelas leituras libertárias sobre as tensões sociais vivenciadas por aqueles agentes históricos. Pedro Augusto Mota no soneto “Anarquia”, publicado no jornal *Voz do Gráfico*, nº 17, em 14/jan/1922, destacou essa preocupação.

Sabe-se que no início do século XX, a corrente anarquista (mais propriamente anarco-sindicalista) havia se propagado nos debates do operariado nacional, sobretudo, desde o I Congresso Operário Brasileiro, em 1906, realizado no Rio de Janeiro, então Capital Federal. Não se deve esquecer que esta tendência dividiu atenção com outras linhas do pensamento e a orientação da classe, como a linha socialista-reformista (GOMES, 2005: 66 - 80) e a trabalhista, denominada pelos combativos de “amarelos” (ADDOR, 2002: 67 - 100).

Em a *Voz do Gráfico* do dia 25/fev/1922, nº20, sob o heterônimo de “Vulcano”, Pedro Augusto publicou um artigo também intitulado “Anarquia”, conceituando teórica e etimologicamente o termo, a destacar que “nenhum fundamento tem o termo anarquia com o sinônimo de ‘desordem’, a não ser por interesses de quem não se sente bem, capaz de viver em um regime comunista-anárquico ou simplesmente anárquico”.

Neste aspecto do reflexo e da refração de um valor por classes com pontos de vistas antagônicos, Pedro Augusto em seu poema tornou a denúncia uma estratégia discursiva como forma de prender a atenção dos seus respectivos leitores, quando é lembrada a violência contra a classe trabalhadora, em expressões como “lei do despotismo”, “a fogo e a bala” e “força selvática”, comum às repressões da força pública às reivindicações operárias (BATALHA In: FERREIRA e DELGADO, 2003: 161 – 189). Não por menos, as agressões direcionadas a este segmento social fizeram parte da própria experiência de vida do autor daqueles versos em questão.

Sobre esta experiência, o soneto “Presentimentos”, de Jorge Ramos, publicado no jornal *Voz do Gráfico*, nº 18, em 28/jan/1922, certamente comportou em sua narrativa as “estruturas de sentimento” (WILLIAMS, 1989 e 1979: 130 - 137) inerentes à luta dos trabalhadores por se fazerem presentes na esfera pública, frente aos interesses dominantes. A narrativa literária deste poema comportou sensações de conflito e desânimo. Contudo, movida por uma reação ao “açóite”, os últimos versos apresentam a esperança, “uma aurora ao povo em plena noite”, indefinida e vaga, por sua vez. Passagens como esta destacam bem a reflexão que pairava entre os trabalhadores, quanto às formas de se perceber nos acessos rarefeitos à sua restrita participação junto aos debates político-institucionais na Primeira República.

Sobre este aspecto, de acordo com Gomes (1979: 56), entendeu-se que na Primeira República as preocupações e os debates travados no âmbito dos poderes constituídos em torno de uma legislação social possuíam “explícita preocupação moral e sanitária (...) não se tratava, por conseguinte, de regulamentos que pudessem ser situados dentro do sentido da formação de um Direito Social, de uma legislação trabalhista”.

Mesmo em meio a estes aspectos contraditórios, no empenho por configurar uma referência hegemônica para a classe, pode-se dizer que, na capital do Ceará, tanto a Associação Gráfica quanto a Federação Cearense primaram pela interlocução com as lutas operárias do

período, empenhando-se na solidariedade classista junto às mobilizações do movimento operário internacional e suas lutas. No momento em que a Revolução Bolchevique projetou à classe trabalhadora novos horizontes a serem almeçados, em boa medida, a imagem da Rússia de 1917 alimentou as esperanças de operários munidos pela causa combativa. Em Fortaleza, estes ecos não tardaram a ressonar, como puderam ser percebidos nas paralisações e greves entre o final da década de 1910 e o início da década de 1920, retaliadas com extrema violência pelos poderes públicos e patrões (PONTE, 1993: 57 - 63). O soneto “Conjecturando”, de Eliézer Rocha, dedicado “ao camarada Manuel Paulino de Moraes”, publicado no jornal *Voz do Gráfico*, nº10, em 01/mai/1921, destacou bem a representação que o signo das idéias socialistas e a emblemática imagem de 1917 na Rússia (“Rubor que todo Mundo agita”) fizeram sobre as aspirações de certos letrados engajados na luta operária.

Para muitos militantes socialistas-libertários, era imanente ao futuro um processo revolucionário que, segundo suas leituras, teria se iniciado vitimando o czarismo russo. A “crença ascética” estaria sendo confirmada segundo as manchetes do período. Não obstante, a repercussão da Revolução Bolchevique lançou sobre diferentes realidades do operariado mundo a fora os ecos da “revolução mundial (...) ouvidos onde quer que atuassem movimentos trabalhistas e socialistas, independente de sua ideologia, e mesmo além” (HOBSBAWM, 1995:71 - 77). A “falência e a derrubada final do capitalismo”, assim entendidas, mereceriam ser melhor compreendidas na realidade de Fortaleza, por determinados segmentos de trabalhadores (sobretudo, aqueles cujo a Igreja e a Maçonaria já havia se aproximado). Daí a solidariedade, a união da classe em uma mesma “escola de amor”, sendo a imprensa engajada, a escola secundária, as conferências, a participação nas entidades combativas e outras atividades em comum, os espaços onde “o bem procura as rudes consciências” e as conduz “à vitória final da Liberdade”.

A data emblemática do 1º de maio de 1886 em Chicago também foi repercutida nas memórias dos operários cearenses. No soneto “Primeiro de Maio”, da autoria de Pedro Augusto sob o codinome de “Tupan”, publicado no jornal *Voz do Gráfico*, nº10, em 01/mai/1921, a data em destaque é referendada pelo caráter pedagógico em nome da memória de luta “dos que tombaram no passado”.

Contudo, é bom lembrar que estas iniciativas bateram de frente com a participação da Igreja junto aos trabalhadores, que em longas datas já se empenhava em educar e organizar este setor. Desde a década de 1870, em pleno processo de romanização, a Igreja Católica no Ceará havia se alinhado às deliberações do Concílio Vaticano I, em ofensiva contra a maçonaria, o liberalismo e as idéias evolucionistas, seja na imprensa (em destaque, os jornais *Tribuna Católica*, órgão da Arquidiocese de Fortaleza/1867 – 1875) ou na política partidária após a proclamação da República, com o Partido Católico (PINHEIRO In: SOUSA, 1994: 199 - 210). A orientação da Encíclica *Rerum Novarum* foi uma constante sobre o socialismo, o principal inimigo da fé, que justificou a aproximação das atividades clericais e os trabalhadores (SOUZA, 2002: 63 - 68). De acordo com Parente (Op. Cit.), “a presença da Igreja na organização do movimento operário [cearense] inicialmente se cristaliza (...) nos moldes corporativistas preconizados pela *Rerum Novarum* e as Conferências Vicentinas eram incentivadas como as formas mais adequadas”.

Porém, foi com a criação do Círculo dos Operários Católicos São José, 1915, que a Igreja Católica passou a exercer maior influência sobre os trabalhadores na capital cearense. O seu fundador, D. Manoel tem um leque de inúmeras realizações: em destaque, fundou o Círculo Católico de Fortaleza (CCF, grupo de intelectuais católicos, fundado em 1913), o Banco São José (década de 1930), foi o articulador junto ao Papa Bento XV da elevação das paróquias de Crato e Sobral à condição de Dioceses (em 1914, o que resultou à configuração da Matriz de Fortaleza enquanto Arquidiocese). Nos anos 1930, foi coordenador local da Liga Eleitoral Católica (1933), o que lhe deveras trouxe maior projeção, inclusive nacional. No tocante à questão dos operários, ele tratou de cumprir à risca não só a principal medida da *Rerum Novarum* (combate ao socialismo), mas, também, as resoluções da Conferência do Episcopado Brasileiro de 17/ jan/ 1915, “espécie de constituição eclesiástica” que ressaltava o monopólio da Igreja, a oferecer “o caminho a seguir, pautado nas regras morais emanadas de suas leis e da ética católica” (SOUZA. Op. Cit: 123).

Diante do avanço acelerado que a influência do carismático bispo passou a exercer sobre as classes trabalhadoras, arrematando entidades em torno do Círculo dos Operários, a condenar e perseguir o “ateísmo bolchevique”, a pena poética de Eliézer Rocha, não deixou por menos seu conta-ataque a D. Manoel e suas iniciativas num soneto sem título, datado em abr/ 1921, publicado no jornal *O Combate*, nº 01, em 12/jun/1921.

Neste sentido, pode ser entendida a real preocupação de algumas entidades ou militantes mais combativos com o avanço considerável da influência de D. Manoel e do Círculo dos Operários sobre os trabalhadores cearenses. Esta preocupação não era apenas uma ilusão. Dentre as várias estratégias identificadas da Igreja Católica em arregimentar os trabalhadores de Fortaleza, as comemorações do Centenário da Independência política do Brasil tiveram grande destaque na cena pública da cidade. O nº01 do jornal *O Nordeste* de 22/jun/1922. p. 02, destacou bem que os objetivos do clero cearense era criar referências ligadas ao patriotismo e ao civismo católico, com a construção da Coluna do Cristo Redentor.

Em suma, pode-se entender que os autores em destaque, Pedro Augusto Mota, Eliézer Rocha e outros ligados a entidades de classe, na condição de militantes junto à realidade dos trabalhadores na capital cearense da década de 1920, sendo leitores das obras político-filosóficas respaldadas nas idéias do socialismo e do anarquismo, tiveram em mente a crença de que uma outra organização social seria possível, distante da influência das oligarquias ou das práticas conciliatórias da Igreja Católica. Porém, o que se apresentou aos seus olhos e o que fora compartilhado em suas experiências sociais, foram os produtos circunstanciais resultantes das forças históricas naquele momento. Mesmo se apresentando os diferentes fatores contrários à confirmação de suas teses, tendo a Revolução Bolchevique e diferentes incursões do movimento operário mundo afora como a aplicação das teorias socialistas e libertárias em voga, àqueles agentes sociais acreditaram ser possível a transformação social rumo à eliminação dos antagonismos de classe e as contradições oriundas das relações capitalistas de produção. Neste sentido, a literatura deixada por eles nos órgãos combativos em destaque, se apresentou mais que estratégia discursiva, os anseios políticos velados por artefatos literários: são também testemunhos deles enquanto sujeitos históricos, os registros de suas experiências, seus desejos coletivos, projetos de militância, sentimentos comuns, leituras sociais que se pretenderam possíveis.

Referências Bibliográficas

- ADDOR, Carlos Augusto. **A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro** – Achiamé, 2002.
- AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza Descalça**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC; 1992.

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas Fundamentais do Método Sociológico da Ciência da Linguagem** – São Paulo: Hucitec, 1979.
- BATALHA, Cláudio “Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva” IN: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). **O Brasil Republicano. O tempo do Liberalismo Excludente (da Proclamação da República à Revolução de 1930)** – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2003. p. 161 – 189.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade. Estudos de Teoria Literária e História Literária** (8ª ed) – São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CHALLOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo A. de M. **A História Contada. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil** – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1998. p. 07 – 14.
- FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC, 1997.
- GOLDMAN, Lucien. **Sociologia do Romance** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, s/d.
- GOMES, Ângela de Castro. **Burguesia e Trabalho. Política e Legislação Social no Brasil (1917 - 1937)**. – Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1979.
- _____. **A Invenção do Trabalhismo** (3ª ed.). – Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura** - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos. O Breve Século XX (1914 - 1991)** – São Paulo: Cia das Letras, 1995. p. 71 – 77.
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque. Reformas Urbanas e Controle Social (1860 - 1930)** – Fortaleza: Multigraf, 1993. p. 57 – 63.
- PARENTE, Francisco Josênio. “O Movimento Operário na Primeira República” IN: SOUZA, Simone de. **História do Ceará**. – Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994. . p. 353.
- _____. **A Fé e a Razão na Política. Conservadorismo e Modernidade das Elites Cearenses**. – Fortaleza/ Sobral: Edições UFC/ Edições UVA, 2000.
- PEREIRA, Adelaide Gonçalves. **A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920** – Florianópolis: PPGH/ UFSC, 2001.

PINHEIRO, Francisco José. “O Processo de Romanização no Ceará” IN: SOUZA, Simone de (coord). **História do Ceará** – Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994 (2ª ed). p. 199 – 210.

SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários. A Igreja Católica e o Mundo do Trabalho no Brasil** – Rio de Janeiro: UFRJ/ FAPERJ, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade. Na História e na Literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.